



APOCALIPSE

Módulo 1: História

RESUMO

Neste módulo entraremos de cabeça na história do Apocalipse. Buscaremos identificar quem foi seu autor e para quem ele escreveu. Além disso iniciaremos os estudos de algumas das enigmáticas expressões apocalípticas, encaixando-as no contexto histórico da época em que foram escritas.

BONS ESTUDOS!

Cursos Online – Saber Criativo

APOCALIPSE

MÓDULO 1 – HISTÓRIA

FICHA DO LIVRO

A QUEM SE DESTINA: O livro do Apocalipse foi destinado às 7 Igrejas da Ásia Menor: Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia, Laodicéia.

QUEM ESCREVEU: João, o profeta. Sua mensagem identifica-se com aquelas do profetismo do Antigo Testamento, no sentido que faz uma chamada a consciência cristã, à perseverança e à esperança na vitória já consumada de Jesus Cristo frente as forças do mal.

O QUE O NOME SIGNIFICA: Significa “revelação”. Vem do grego *apokálypsis* e significa a revelação de uma intervenção divina na história.

QUAL O ESTILO LITERÁRIO: O pensamento e a linguagem em toda a obra são tipicamente apocalípticos.

QUAL O ASSUNTO: Das coisas que Deus mostrou a João em relação àquilo que estava acontecendo com as comunidades cristãs fugitivas da perseguição, que haviam se instalado na região da Ásia Menor. Também sobre o que aconteceria no futuro dessas comunidades, nesse caso, em um futuro breve conforme (Ap 1:1 e 1:19).

ABREVIATURA: Apocalipse (Ap).

Introdução

O Apocalipse, ou Livro da Revelação ou do Desvendamento, é a última obra do Novo Testamento e também das Escrituras cristãs, se somarmos a ela o Antigo Testamento ou as Escrituras hebraicas. Embora tenha sido escrito em e para uma determinada época de uma comunidade ou várias comunidades cristãs, seu significado e importância ultrapassaram o seu tempo de escrita e finalidade, atravessando os séculos. Todo tipo de sentidos tem sido dado ao Apocalipse, desde aqueles que veem nele o descobrimento do futuro, de como acontecerá o fim do mundo; como aqueles que o veem como a inspiração para acreditar na vitória final do Bem, representado por Deus, contra o Mal, representado por Satanás.

História e Cultura da época

A RAZÃO PARA O SURGIMENTO DO GÊNERO DA APOCALÍPTICA, PARALELAMENTE AO GÊNERO DA PROFECIA, É DE NATUREZA MAIS TEOLÓGICA QUE HISTÓRICA.

Em determinada época da história do povo judeu, sobretudo após o [período macabaico](#) e da dominação romana, a profecia praticamente desapareceu. Nesse tempo, a cultura judaica recorreu tanto à sua própria sabedoria quanto aos contatos com o Helenismo, base

da cultura greco-romana, que influenciaram muito do seu modo de sentir e expressar o mundo do seu tempo.

O período entre os séculos III e II a.C., também chamado [intertestamental](#), são marcantes para a constituição do gênero apocalíptico, visto que surge a literatura apocalíptica completa. Ela está ligada às duras condições de vida impostas pelos governos ptolomeus (Egito) e selêucidas (Síria) sob o povo judeu na Palestina, sobretudo sob o reinado de Antíoco Epifânio IV (176-163 a.C.).

Russell identifica a literatura que emerge desse gênero como “panfletos para a época”, visto que dão a exata ideia de como os judeus lidaram com as crises históricas, com repercussões religiosas e teológicas, impostas por diversos tiranos durante esse período.

Conforme ele:

A literatura apocalíptica é essencialmente literatura de um povo que não via nenhuma esperança para sua nação simplesmente em termos de política ou no plano da história. [...] E assim se viam compelidos a contemplar para além da história a dramática e miraculosa intervenção de Deus que haveria de estabelecer a justiça contra as injustiças feitas a seu povo.

RUSSELL, D. S. Desvelamento Divino. São Paulo: Paulus, 1997, p. 35-36.

As relações entre judeus e gentios antecedem a formação desses grupos produtores dos apocalipses desde o grande movimento cultural, político e religioso chamado Helenismo. Elas se estabelecem já na dupla dispersão judaica para o Oriente, no período que se segue ao cativeiro babilônico, e, para o Ocidente, no período que segue ao governo selêucida/siríaco de Antíoco Epifânio IV. Estas se constituirão em forças que modelarão a experiência religiosa da nação judaica nos séculos a seguir dominada por uma tendência ao *tradicionalismo* ou ao *helenismo*.¹

A instalação do [Helenismo](#) dentro da Judeia Palestinense foi intensa e crescente desde esta época, o que torna impossível falar de *Judaísmo* e *Helenismo* como entidades distintas a não ser para efeito didático ou esquemático.² O Helenismo constituiu-se na grande cultura universal da Antiguidade greco-romana desde o século 3 a.C., sob cuja influência gradual, porém inevitável, aquilo que se poderia chamar pré-Judaísmo sofreu profundas alterações de modo que bem lhe caberia o termo *Judaísmo palestinese helenizado*.

¹ EDERSHEIM, Alfred. *La Vida y los Tiempos de Jesus el Mesias*. Barcelona: CLIE, 1988, p. 27-139.

² HENGEL, Martin. *Judaism and Hellenism. Studies in their Encounter in Palestine during the Early Hellenistic Period*. London: SCM Press, 1981.

Se há uma diferenciação a fazer no período deveria ser feita entre Judaísmo helenizado da Diáspora ocidental e Judaísmo helenizado da Diáspora oriental. Isto sugere a existência de grupos bilíngues movendo-se, habilmente, entre as duas fronteiras culturais e religiosas dentro da própria Judeia palestinese devido à penetração da cultura, língua e educação gregas.³

O reinado selêucida de [Antíoco Epifânio IV](#) (175-163aC) consistiu em sua forte política de coesão social e cultural visando a estabilidade do seu império. Nela, os judeus foram obrigados a adotar o helenismo e a rejeitar as tradições dos antepassados que lhe fossem contrárias. Ginásios e anfiteatros foram construídos na Palestina, e muitos se integraram à nova proposta como a redenção de Israel.

Todavia, a política de Antíoco tornou-se cada vez mais rígida, ao ponto de afetar o coração do povo judeu: a sua religião. Antíoco forçou a escolha de um sumo sacerdote da sua confiança, pilhou o templo e instalou uma estátua de Zeus olímpico no topo do altar do templo, oferecendo sacrifícios de carne de porco.

A segunda parte do livro de Daniel data desse período. Ela começa pela visão de quatro animais; segue com a entronização de um ser celestial poderoso; animais simbolizam governos (um carneiro e um bode) que são interpretados pelo anjo Gabriel; segue o desenvolvimento de uma divisão histórica para o fim dos tempos, estabelecida em semanas. Por fim, um ser celestial relata para Daniel acerca do fim dos tempos, interpretando o movimento político entre as nações até a ressurreição final prometida para o povo de Deus.

Entretanto, a partir do século 3 a.C. até meados do século 2 a.C., uma reação a esse estado de coisas irrompe culminando na revolta macabeia e no repúdio à helenização da Judeia palestinese. Os [assimilacionistas](#) serão superados pelos que desejam um povo judeu voltado para suas próprias tradições e herança religiosa e cultural, retomando as seguintes características:

1. Centralização da vida judaica ao redor da *Torah*.
2. Centralização de Jerusalém na vida nacional judaica.
3. Centralização no elemento revelacional da *Torah* contra o racionalismo grego.
4. Centralização na esperança apocalíptica messiânica como salvação das condições presentes.⁴

O ambiente criado após o repúdio da reforma helenística, por um lado, e da revolta macabeia, por outro, determinaram a nova situação religiosa na Judeia palestinese e sobre a Diáspora nos períodos seguintes, chegando até ao século 1 d.C.. Manter a abertura para o mundo ou fechar-se nas próprias tradições passou a ser o grande conflito, latente ou aberto, entre os diferentes grupos judaicos.

As promessas dos profetas, ainda não concretizadas, de uma época futura luminosa para o povo judeu, levou ao surgimento de um movimento que passou a refletir quanto a um plano de Deus para a história do seu povo, o qual, por sua vez, deveria incluir necessariamente os demais povos. Considerando-se inspirados por Deus, e guiados por seus mensageiros, esse movimento tratou de interpretar a sua história presente à luz do desenrolar de um propósito de Deus para a humanidade: estabelecer, finalmente, seu Reino, derrotando seus inimigos e elevando o povo judeu ao domínio e o poder ao qual estavam destinados.

³ HENGEL, 1981, p. 104-106.

⁴ HENGEL, 1981, p. 252ss.

Russell deduz não ser possível associar tal perspectiva sociocultural a um único e exclusivo movimento florescente dentro das tradições socioculturais judaicas da época. Porém, ele indica certas generalizações:⁵

- a) Uma convicção comum: os apocalípticos são portadores inspirados da Revelação divina;
- b) Um propósito comum: o povo devia ser constantemente animado em meio às crises históricas que lhes confrontavam a fé;
- c) Uma esperança comum: Deus estava prestes a intervir para colocar um fim sobre todo tipo de mal, e estabelecer seu único reinado sobre as nações.

Desse ponto de vista sociocultural, portanto, Russell advoga uma elite erudita, os *sábios*, como produtores da literatura apocalíptica, na qual mesclaram a Lei, as tradições dos antepassados, a sabedoria do seu tempo e as tradições populares do seu povo. Contudo, suas ideias ultrapassaram os limites e penetraram nas massas judaicas palestinas, visto que elas se encaixavam bem no modo atual de vida da população em geral.

Escritos em Hebraico e Aramaico, depois foram vertidos para a língua Grega e, dela, para muitas outras línguas orientais antigas. Assim, eles influenciaram e determinaram muitos movimentos apocalípticos antes, durante e após o século I, como as [comunidades monásticas de Qumran](#), que desenvolveram forte expectativa apocalíptica, incorporando para si o destino final do mundo. Eles seriam o exército dos puros ou da luz que enfrentaria, em uma batalha final, liderados pelo Messias vindo do céu, os exércitos das trevas.

Naturalmente, a destruição do templo de Jerusalém, em 70 d.C., e a hegemonia absoluta da cidade de Roma sobre as nações da terra, estimulou a continuidade da escrita de apocalipses judaicos, reunidos em duas obras: IV Esdras e II [Baruque](#).

Igualmente, antes da escrita do Apocalipse cristão, o gênero apocalíptico já havia criado caminhos para dentro do ensino de Jesus e do pensamento dos apóstolos. Conforme o menciona, Russell:

O fator mais importante, porém, pode ter sido sem dúvida a adoção e a adaptação pela igreja cristã de muitos escritos apocalípticos judaicos cujo ensino messiânico e escatológico era notavelmente adequado aos propósitos da propaganda cristã.

RUSSELL, D. S. Desvelamento Divino. São Paulo: Paulus, 1997, p. 55.

Com o passar do tempo, tanto na experiência judaica quanto cristã, o fervor apocalíptico cedeu espaço a uma convivência mais adaptável às novas condições históricas, e deixaram de ser usados como meio de inconformismo e reacionarismo revolucionário. A maioria deles desapareceu em sua forma escrita na medida em que o

⁵ RUSSELL, 1997, p. 55.

Judaísmo e o Cristianismo incorporavam nova maneira de lidar com a realidade histórica circundante.

AS COISAS QUE “HÃO DE SER”

A expressão se refere ao sofrimento causado pelas perseguições que se intensificariam, conforme prenunciou o próprio apóstolo Pedro:

“Amados, não estranheis a ardente prova que vem sobre vós para vos tentar, como se coisa estranha vos acontecesse; mas alegrai-vos no fato de serdes participantes das aflições de Cristo, para que também na revelação da sua glória vos regozijeis e alegreis. Se pelo nome de Cristo sois vituperados, bem-aventurados sois, porque sobre vós repousa o Espírito da glória e de Deus; quanto a eles, é ele, sim, blasfemado, mas quanto a vós, é glorificado”.

1 Pedro 4:12-14

Mas, se referia também à luta permanente da Igreja ao longo de sua história. Trata-se não somente da guerra contra os sistemas desumanizantes, mas também das lutas internas que a Igreja enfrenta enquanto instituição no mundo, quando assimila e reproduz as práticas de tais sistemas injustos. O Apocalipse faz uma clara chamada à fidelidade ao Reino de Deus e ele difere em justiça dos reinos do mundo.

Referindo-se ao “dragão” e às “bestas” João faz alusão aos poderes de sua época e os fatos históricos a eles relacionados. Denunciava tanto o culto aos imperadores quanto o despotismo que era sua marca distintiva, exigindo seguimento absoluto dos seus súditos. Ele denuncia também a corrupção das religiões da época que davam de braços à tais sistemas políticos e os fortalecia por meio de sua convivência. João alerta os cristãos de que não deveriam fazer o mesmo, mas era necessário que mantivessem firmes a resistência pacífica, ainda que isto lhes custasse a vida.

As perseguições aos cristãos duraram até o início do IV século e foram sempre localizadas, mas resultaram na morte cruel de muitas pessoas. Surgiram nessa época os mártires da Igreja e também algumas controvérsias em relação àqueles que cederam aos perseguidores e negaram a fé cristã, entregando inclusive textos e documentos da Igreja para a destruição.

As igrejas para quem João estava escrevendo haviam fugido de tais perseguições, mas de formas variadas elas as estavam alcançando onde estavam agora localizadas.

Não se deve pensar no Apocalipse como uma obra dependente exclusivamente do gênero literário apocalíptico e mero reproduzidor de seus principais temas, como veremos abaixo. Também, não se pode vê-lo como um escrito totalmente inovador, baseado na assunção de uma revelação exclusiva de Jesus Cristo.

Há muitos elementos reutilizados dos apocalipses presentes em Ezequiel e Zacarias, de contatos com os livros de Isaías e Daniel. Por outro lado, o Apocalipse inova em muitos aspectos em relação a estas obras, por exemplo: o caráter profético que assume nas cartas às setes igrejas da Ásia Menor, o retorno de Cristo à terra, a figura do Cordeiro, a descrição da corte celestial, o casamento do cordeiro e a Nova Jerusalém, e o lugar de Cristo e dos apóstolos nela.

Certamente, o autor do Apocalipse é um cristão chamado João. Assim ele se autoneomeia (Ap 1:1). Ele, também, oferece detalhes de sua situação atual: exilado na [ilha de Patmos](#) devido ao testemunho acerca de Jesus (Ap 1:9). Ainda, dá o contexto para a sua profecia: uma visão que teve do próprio Jesus que ordena que ele escreva às sete igrejas (Ap 1:10-19).

João é bastante conhecido destas igrejas, todas localizadas na Ásia Menor. Ele se apresenta como “irmão e companheiro na tribulação” (Ap 1:9) que elas estão passando. Sendo ele mesmo reconhecido entre elas como um profeta (Ap 22:9). Como os Joões são muitos, no Novo Testamento, fica-se por saber qual seria este João profeta.

Desde o século II ele foi identificado com o [apóstolo João](#), irmão de Tiago e filho de Zebedeu e, a partir de então, criou-se a compreensão de que ele seria o mesmo autor das demais obras tradicionalmente atribuídas ao apóstolo João: o Evangelho e as três cartas.

Se assim for, após formar várias comunidades na Palestina ou na Síria, João teria emigrado para a região da Ásia Menor ao redor de Éfeso, com suas comunidades, e ali estabelecido uma atividade missionária ampla entre as igrejas, a maior parte sob a influência paulina, na sua origem.



A sua identificação com as demais obras joaninas podem confirmar essa afirmação, pois, apesar das disparidades ou diferenças entre elas e o Apocalipse, estas podem ser justificadas pelo próprio gênero apocalíptico. Brown enumera vários indícios

de semelhanças, pelo menos no nível das ideias e conceitos, entre o Apocalipse e o Evangelho de João, de um lado, e entre as cartas joaninas, de outro.⁶

A alternativa seria atribuir a obra a outro João, não apóstolo, mas reconhecido como vidente ou profeta, o qual, membro ou não do círculo joanino, teria considerável respeito e respaldo das igrejas da [região de Éfeso](#) para falar em nome do Espírito. Se assim for, não é possível saber de que João se trata.

Talvez, a situação na qual se dá a perseguição mencionada no início da obra e motivo para a sua escrita, possa colocar melhor a questão da composição autorial. Pela correspondência às igrejas, os seus *anjos* não são ainda titulados como presbíteros/bispos/diáconos, o que revela um estágio ainda primitivo de organização hierárquica.

O AUTOR DO APOCALIPSE É UM CRISTÃO CHAMADO JOÃO, EXILADO NA ILHA DE PATMOS DEVIDO AO TESTEMUNHO ACERCA DE JESUS.

A contagem dos cinco reis que morreram, um que reina e outro que está por reinar (Ap 17:9,10) tem levado alguns a afirmar a escrita da obra durante o reinado de Nero, considerando o primeiro César como Júlio César. Todavia, para outros, a

contagem do César deve começar com o imperador seguinte, Augusto. Assim, a contagem recairia sob o império de Domiciano (81-96 d.C.).

O contexto acima pode ser fortalecido quando se consegue identificar uma perseguição que está prestes a acontecer, como antevê o vidente (Ap 2:10; 3:10). Elas podem ser localizadas em Roma (década de 60, sob Nero), e em regiões da Ásia Menor (década de 90, sob Domiciano).

O vidente, junto com muitos cristãos, devido a atitudes recentes de calúnias e difamações, contra suas práticas e a recusa de aliciamento para o culto imperial a Domiciano, estavam sujeitos a interrogatórios da parte dos poderes públicos e, em alguns casos, até a expropriação de bens, a prisão e a condenação à morte. As coisas poderiam parar por aí, mas a sombra da cruel perseguição de Nero, trinta anos atrás, seria suficiente para se perceber tempos mais difíceis a ser enfrentados pelos cristãos.

De todo modo, para outros estudiosos, a mensagem do Apocalipse vai além da mera reação à ameaça de crescimento da perseguição. No Apocalipse, o poder do César romano é desafiado pelo poder do Cristo cristão, de modo que a luta entre os poderes envolve os súditos de ambos os impérios. A vitória final pertencerá a Cristo e seu povo, com a conseqüente destruição do [império de César](#).

Por trás dessa luta, está o interesse de Deus, ao qual se opõem as forças angélicas lideradas por Satanás, de modo que a luta se torna cósmica, envolvendo não somente as questões na terra, mas arrastando na disputa a Deus e as forças que se lhe opõem no nível cósmico. A vitória final de Cristo também é a vitória final de Deus, que representará o descanso final da terra, com a afirmação da Nova Jerusalém, o tempo chegado de paz e felicidade para a humanidade.

⁶ BROWN, Raymond. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 1041,1042.

A PERSEGUIÇÃO SOB O COMANDO DO IMPERADOR DOMICIANO

Domiciano, imperador romano que iniciou o seu reinado em 81-96 d.C., desencadeou uma grande perseguição aos cristãos, principalmente em Roma e na Ásia Menor. Entre outros fatores, ela se deveu ao fato dos cristãos se oporem a religião romana de culto aos imperadores e, ao mesmo tempo, a fé cristã crescia em seu império fazendo a cada dia novos adeptos.

Os romanos, de um modo geral, não tinham dificuldades de agregar à sua religiosidade mais essa forma de culto. Os judeus não se submeteram a isso, mas foram então incumbidos de orar e fazer sacrifícios pelos imperadores. Os cristãos surgiram na história como um grupo de dentro do judaísmo, o que causou transtorno aos judeus, mas, com o passar do tempo, foram sendo vistos como uma seita religiosa e perseguida por causa da aparente subversividade que apresentavam. Ao não se submeterem à exigência de culto ao imperador, entendia-se que não se sujeitam ao próprio governo vigente. A perseguição era principalmente política, mas por causas religiosas.

Desde tempos remotos os imperadores requeriam para si títulos de divindade, mas os cristãos resistiam à essa forma de culto em nome da adoração à Jesus Cristo. Justo Gonzalez, historiador da Igreja, também relaciona o Apocalipse à essa perseguição.

“Da perseguição na Ásia Menor sabemos mais, graças ao Apocalipse, que foi escrito em meio a essa dura prova. João, o autor do Apocalipse, havia sido deportado à ilha de Patmos, e, portanto, sabemos que nem todos os cristãos eram condenados à morte. Mas há muitas outras provas de que foram muitos os que sofreram e morreram em tal ocasião.

Em meio à perseguição, o Apocalipse mostra uma atitude muito mais negativa contra Roma do que o resto do Novo Testamento.

Paulo havia ordenado aos romanos que se submetessem às autoridades, que haviam sido ordenadas por Deus. Mas agora o vidente de Patmos descreve a Roma em termos nada elogiosos, como ‘A grande rameira... ébria do sangue dos santos, e do sangue dos mártires em Jesus’ (Apocalipse 17:1,6). E Pérgamo, a capital da região, é o lugar ‘onde está o trono de Satanás’ (Apocalipse 2:13)“.

Justo González, A História da Igreja, vol. 1, 1984, p. 58.

Conclusão

Nesta aula você identificou os aspectos histórico-culturais do estudo do livro do Apocalipse. Primeiro, entendeu como o gênero literário deriva de um movimento intelectual denominado apocalíptico, que se formou na história do povo judeu desde sua terrível experiência do exílio babilônico e as condições históricas após ele. Depois, viu como o Apocalipse se vincula a certo momento histórico de algumas igrejas na Ásia Menor e como este nos ajuda a chegar a seu contexto autorial.